



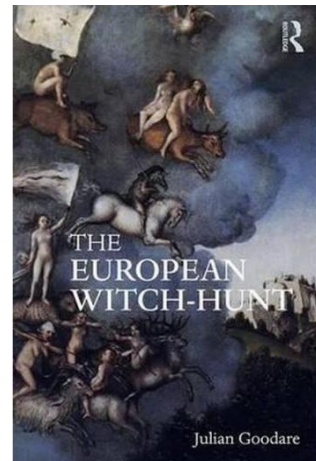
CARLOS PINTO DE ABREU  
E ASSOCIADOS  
SOCIEDADE DE ADVOGADOS

## Arte e Justiça - XXVII

### Literatura, palavras e textos das *Caças às Bruxas*

“Caça às bruxas” (*witch-hunt*) é um conceito largamente utilizado na actualidade. Tem origem no fenómeno de perseguição, de julgamento e de execução de “bruxas” levado a cabo pela Inquisição, a partir do século XIV, e que se prolongou até ao século XVII. Este conceito foi sendo desenvolvido e actualmente descreve a perseguição e a punição de um determinado grupo de pessoas. É um fenómeno que marca a história da Europa (em especial, apesar de se ter estendido também à América do Norte) e de parte da Igreja Católica, e que se encontra largamente descrito e analisado nas mais diversas manifestações artísticas, nomeadamente na literatura. Muitas páginas têm sido escritas ao longo dos tempos sobre este tema, desde narrativas históricas ou ensaios, romances e contos, umas mais realistas e baseadas em estudos realizados sobre as descrições dos procedimentos criminais da época, outras mais fantasiosas.

*The European Witch-Hunt*, da autoria de Julian Goodare, é um destes exemplos, sendo uma descrição histórica baseada num estudo dos documentos da época. Segundo este autor, as mulheres alvo de denúncias eram perseguidas e submetidas a julgamentos sumários, muitas torturadas de forma a obter uma confissão, e a pena mais habitual era a sua morte na fogueira<sup>1</sup>. Acreditavam, na época, que as bruxas eram emanações do Demo ou comunicavam com Belzebu, ou estavam por ele possuídas; considerava-se que tinham feito um pacto com o Diabo. Assim, o dito perigo grave de corromperem a restante população era considerado um risco sério que os poderes da época não se podiam dar ao luxo de correr<sup>2</sup>.



A magia encontrava-se largamente difundida nas culturas ancestrais e no Médio Oriente. O medo da sociedade medieval e também da Igreja Católica face à magia, e, particularmente, face à bruxaria, devia-se às imagens difundidas de bruxas que matavam bebés, e que através de feitiços espalhavam o mal e a peçonha à sua volta, mas também a uma necessidade de atingir a unicidade e a hegemonia espiritual por via da força e da submissão.

Esta perseguição, que teve vários beneficiários e interessados espúrios, até no poder régio, foi uma das principais actividades da Inquisição, que dizia combater a heresia em nome da Igreja Católica, e que teve uma enorme presença em Portugal, em Espanha e um pouco por toda a

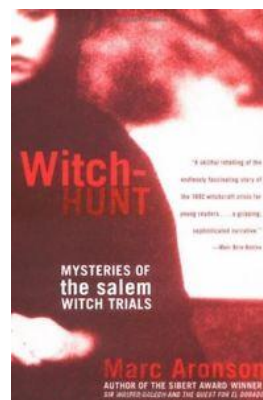
<sup>1</sup> Como sucede por exemplo no episódio retratado por Saramago no seu livro *Memorial do Convento*, momento em que a mãe de Blimunda é executada na fogueira.

<sup>2</sup> “ We have (...) heard that there are within the boundaries of your jurisdiction many (...) who are sorcerers, diviners, invokers of demons, enchanters, conjurors, superstitious people, augurs, practitioners of nefarious and forbidden arts, and that all of these stain and pervert the Christian people, or at least the simpler-minded of them” – Papa Alexandre V ao inquisidor Ponce Feugeyron, 1409.

Europa. Milhares de pessoas, a grande maioria mulheres, foram torturadas e mortas na Europa.

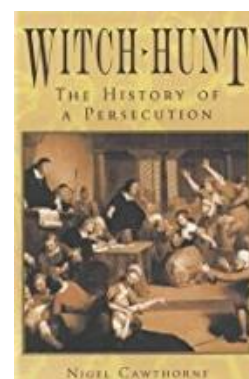
Tudo com fundamento numa deturpação da religião (seja por não serem religiosas, seja por professarem religiões que não eram aceites)<sup>3</sup>. A bruxaria constituiu um exemplo disto mesmo, sendo vista como um crime dito religioso, uma heresia mortal. Mas as denúncias, em especial nas pequenas comunidades, eram por vezes motivadas por intrigas pessoais, pois as populações rurais acreditavam que os seus infortúnios eram provocados por feitiços que lhes tinham sido lançados, culpando por isso aqueles com quem tinham tido qualquer tipo de desentendimento.

No entanto, na realidade não eram apenas as denúncias que revelavam alguma, senão bastante, arbitrariedade. Com o passar do tempo, também os seus julgamentos se tornam cada vez mais arbitrários, carecendo frequentemente as condenações de prova mínima. A caça às bruxas era um espectáculo público, e as suas execuções contavam normalmente com a presença de ávidos espectadores. Este fenómeno de perseguição surgiu após a formação dos Estados Europeus. Consistiu numa operação judicial que requereu a prévia existência de um poder estatal, o chamado braço secular, a que eram relaxados os condenados à morte, designadamente pelo fogo, o que explica que se concentre essencialmente entre os séculos XVI e XVII, e não durante quase toda a Idade Medieval<sup>4</sup>.



Na obra *Witch-Hunt: Mysteries of the Salem Witch Trials*, Marc Aronson descreve as perseguições, as confissões e os julgamentos das famosas bruxas de Salem, Massachusetts, Estados Unidos da América<sup>5</sup>, um dos mais famosos e escabrosos episódios de caça às bruxas. As mulheres descritas por este autor destacaram-se por, para além de serem inocentes, terem idades bastantes díspares, desde crianças a idosas, bem como por dispor dos mais variados estatutos sociais, desde mendigas a filhas de padres ou de médicos.

Já Nigel Cawthorne, em *Witch Hunt: History of Persecution*, descreve, para além do episódio das bruxas de Salem, julgamentos em Inglaterra, bem como perseguições, muitas vezes com motivações políticas em França (como no caso dos templários, um dos casos descritos pelo autor). Em Inglaterra alguns homens ficaram conhecidos como caçadores de bruxas, fazendo da descoberta e a posterior entrega à Inquisição desse tipo de mulheres a sua profissão, sendo responsáveis pelas execuções de centenas delas. E, infelizmente, grande parte da Igreja Católica conviveu com a heresia desde a própria fundação. A Inquisição foi criada num momento em que a sua doutrina se encontrava já estabelecida, mas as diferenças, por vezes radicais, entre a doutrina pregada e a realidade, justificavam a difusão da heresia. Por outro lado, a frágil doutrina católica era ainda por muitos incompreendida, e a Igreja Católica enquanto instituição encontrava-se grandemente corrompida, o que era visível aos olhos de



<sup>3</sup> O número de bruxas que foram executadas é desconhecido, mas estima-se que esteja entre as dezenas de milhar e a centena de milhar, isto em toda a Europa.

<sup>4</sup> Durante o Império Romano também existiram perseguições e execuções de bruxas, se bem que em número muito mais reduzido. As bruxas eram acusadas de ser a causa de epidemias.

<sup>5</sup> O episódio das Bruxas de Salem inspirou muitas obras literárias, pinturas, peças de teatro, etc.

quase todos e gerava reacções várias que eram fervorosa e violentamente combatidas.

Todo o supra exposto contrasta com a escassa actividade de caça às bruxas em Itália. Aqui, este fenómeno teve uma expressão significativamente menor quando comparado com o dos restantes países Europeus. Local de nascimento e de desenvolvimento do Renascimento, as cidades italianas prosperavam económica, e também política e espiritualmente, e encontravam-se na vanguarda da cultura e no alvor da modernidade entre os países europeus. O Renascimento explica, em grande medida, a falta de expressão ou de dimensão significativa da caça às bruxas em Itália. As perseguições de bruxas que ocorreram em Itália, começaram no século XVI e ocorreram em pequenas áreas rurais, isoladas das ideias renascentistas, sendo os inquisidores estrangeiros. No restante território italiano, as acusações de bruxaria eram cuidadosamente analisadas, sendo muito raras as condenações à morte. O humanismo definia o movimento cultural do Renascimento, que se baseava na racionalidade e acreditava no enorme potencial da mente humana, inovando em todas as áreas do saber. As ideias mais conservadoras ou extremistas da Igreja Católica não eram cegamente aceites, sendo pelo contrário racionalmente questionadas. Defendiam que a mente estava no centro do universo, e não o catolicismo, glorificavam o poder do homem e a utilização dos poderes supranaturais. Os intelectuais renascentistas duvidaram da bruxaria, questionando muitos a sua veracidade. Os juristas renascentistas, por sua vez, alertaram para as dificuldades em provar adequada e suficientemente a prática de bruxaria, em parte pela falta de testemunhas. Argumentos médicos foram também oferecidos, havendo quem defendesse ser a bruxaria uma doença da imaginação, que afetava a racionalidade da pessoa em questão.



Por outro lado, os renascentistas ao reavivarem os estudos da Grécia Antiga e dos Romanos, viam a magia como algo natural, com uma conotação positiva, a magia encontrava-se presente no dia-a-dia da Itália Renascentista, tanto nas igrejas como nas casas. Os italianos não associavam a magia ao Diabo. A racionalidade procurada pelo Renascimento, separa, assim, radicalmente a caça às bruxas em Itália, dos restantes países europeus. Durante a Contra-Reforma a Igreja adoptou alguns dos argumentos renascentistas, passou a ser exigida prova do nexos entre a prática de magia e as suas consequências negativas, bem como a realização de relatórios médicos. Este raciocínio renascentista parece aproximar-se mais dos dias actuais, do que da perseguição realizada um pouco por toda a Europa. Contudo, e ao contrário do que seria inicialmente expectável, a expressão “caça às bruxas” retornou ao vocabulário, sendo utilizada com cada vez mais frequência. Umhas vezes com toda a propriedade, outras nem tanto...

Muitas são as personalidades, e as situações, em que ouvimos falar de uma “caça às bruxas”. Mais recentemente podemos falar por exemplo do movimento #metoo, de muitas declarações do Presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, ou de alguns dos mais famosos megaprocessos, que trouxeram para a discussão actual as regras e as práticas do processo penal e a sua relação com a imprensa e com a sociedade em geral.

O movimento #metoo, que começou na indústria cinematográfica, e que se espalhou através das redes sociais, surgiu como uma reacção às importunações, aos abusos e assédio sexuais sofridos pelas mulheres no seio desta indústria, perpetrados pelos seus superiores, actos que foram durante décadas escondidos do público. Desde o início deste movimento, já dezenas de homens foram publicamente acusados, resultando em muitos despedimentos, processos criminais e manifestações públicas. Mas também ostracizações e perseguições.

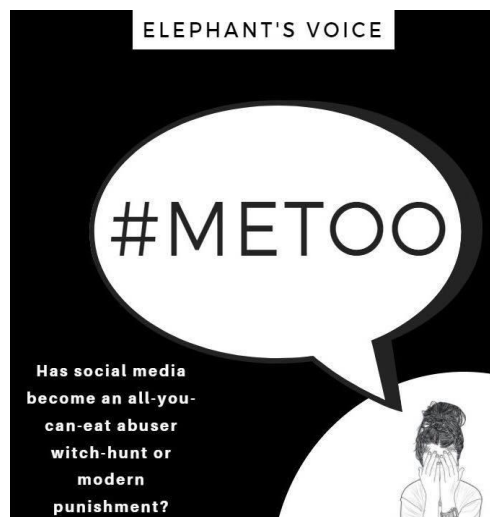
Muitas foram as figuras públicas e comentadores que já apelidaram este movimento de uma autêntica caça às bruxas, pois através de uma acusação deste teor, muitas carreiras foram já completamente destruídas, e com a crescente multiplicação de acusações face a homens das mais diversas áreas e posições, muitos já questionaram a sua veracidade e a seriedade deste movimento.

Longe de mim, duvidar da veracidade de declarações de mulheres que foram assediadas, ou mesmo vítimas de importunação ou de abusos sexuais por homens que usaram do seu poder na indústria para as silenciarem, mas não deixam de ser compreensíveis as dúvidas que surgem quando, de repente, se multiplicam, a uma velocidade exponencial, acusações relativas a dezenas de homens, referindo-se algumas a situações que, dizem, aconteceram há décadas. Basta lembrar que semanas houve em que, todos os dias, várias eram as diferentes acusações que vinham a público. De facto, algumas questões de persecutoriedade, de arbitrariedade, de suficiência de prova e de gravidade do acto ou dos efeitos (neste caso das consequências destas acusações), podem, no limite, ser comparadas com as características da (então) caça às bruxas.

Já quanto ao Presidente Donald Trump, qualquer acusação que lhe seja dirigida, seja de assédio sexual, de interferências no processo eleitoral americano por parte da Rússia, de interesses económicos ocultos, entre muitas outras, obtém sempre como resposta uma acusação de caça às bruxas. A actual Administração dos EUA defende publicamente estar a ser alvo de uma caça às bruxas por parte dos seus opositores e da imprensa. A sua principal argumentação funda-se

na falsidade das acusações, e nas pretensões de semear a desconfiança e de condenar, através da opinião pública, Donald Trump. Quanto a este tema em especial, cabe à consciência de cada um avaliar os argumentos apresentados pelos intervenientes, ou, simplesmente, ir acompanhando as tumultuosas relações privadas, públicas e institucionais dentro dos EUA e destes com o Mundo.

A propósito dos chamados megaprocessos, dos quais neste momento se destacam a Operação Marquês, Fizz e Lex, muitos têm acusado o Ministério Público de promover uma caça às bruxas. Várias são as figuras públicas, das mais diferentes áreas, que se viram envolvidas nestes processos, seja pelo Ministério Público, seja através da comunicação social. A verdade é



Cagle.com

que num país em que entre as dúvidas levantadas publicamente, a acusação do Ministério Público, as buscas e outras diligências efectuadas, e a decisão final, tanto tempo passa, muitas são as consequências sofridas pelas pessoas envolvidas, independentemente de serem culpadas ou inocentes. Entre o julgamento na praça pública e o julgamento judicial muito sucede e muito pouco se passa. As pessoas envolvidas são alvo de um julgamento sumário público, muito antes de se defenderem perante a justiça estatal e de serem, por esta, ou condenadas ou absolvidas.

Por outro lado, tem também sido levantada a questão de o Ministério Público efectuar diligências, que são depois amplamente publicitadas pela imprensa, no seguimento de denúncias feitas. Desta forma, muito se fala na utilização do Ministério Público e em especial das denúncias anónimas, como arma de arremesso político e público. A caça às bruxas levanta assim muitas questões, e deixa também um enorme espaço de reflexão e de crítica, tanto ao nível do processo penal, como também da opinião pública, actualmente tão maleável ou manipulável, em especial tendo em conta a superficialidade e o imediatismo em que vivemos, em muito devido às redes sociais e à falta de tempo.

Apesar de serem inegáveis os avanços jurídicos e sociais desde a caça às bruxas do século XIV, a verdade é que ainda hoje lidamos com idênticos problemas, em pleno século XXI, mas apesar de tudo radicalmente distintos nas consequências. Antes era mesmo a vida física que estava em risco, hoje ficamo-nos pelo assassinato cívico. Ou não será assim? É caso para dizer *venha o Diabo e escolha!*

Catarina Paulino Alves